

Variação e mudança linguística em Amondawa

Linguistic variation and change in Amondawa

Wany Bernardete de Araujo Sampaio¹
ORCID: 0000-0002-6103-6301

Quesler Fagundes Camargos²
ORCID: 0000-0001-9112-4858

Arikam Amondawa³
ORCID: 0000-0002-5099-6454

DOI: 10.26512/rbla.v13i01.35742

Recebido em janeiro/2021 e aceito em março/2021.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo tratar de alguns casos de variação que apontam para uma possível mudança linguística em Amondawa (Tupi-Kawahib). Quanto aos aspectos fonéticos, são apresentadas variações que podem implicar em uma alteração em seu sistema fonológico, tais como: a redução no inventário das vogais, mudança no padrão silábico e processo de fonologização devido à redução de alofones nasais. No que diz respeito ao léxico, devido ao contato com a sociedade não indígena, têm havido incorporações de palavras da língua portuguesa, criação de novas palavras a partir de mecanismos morfológicos do Amondawa e a adoção de nomes próprios alheios à cultura que interferem significativamente em sua onomástica tradicional. Por fim, quanto aos aspectos morfossintáticos, está em curso um forte processo de enfraquecimento do paradigma de concordância verbal, provocando uma mudança em seu parâmetro do sujeito nulo.

Palavras-chave: Variação linguística. Mudança linguística. Línguas Tupi. Línguas Tupi-Kawahib. Língua Amondawa.

¹ Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Campus de Porto Velho. Grupo de Estudos em Culturas, Educação e Linguagens (GECEL/UNIR/CNPq). E-mail: wansamp@gmail.com

² Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Campus de Ji-Paraná. Departamento de Educação Intercultural (DEINTER); Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGML/UNIR); Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA/UNIR/CNPq). E-mail: queslerc@gmail.com

³ Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Campus de Ji-Paraná. Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural. Bolsista CNPq de Iniciação Científica (PIBIC/UNIR). E-mail: arikam1981@gmail.com

Abstract

This paper aims to deal with some cases of variation that point to a possible linguistic change in Amondawa (Tupian-Kawahib). Concerning to phonetic aspects, variations that may imply a change in your phonological system are presented, such as: the reduction in the vowel inventory, change in the syllabic pattern and phonologization process due to the reduction of nasal allophones. Regarding to the lexicon, due to contact with non-indigenous society, there have been incorporations of words from the Portuguese language, creation of new words from Amondawa's morphological mechanisms and the adoption of proper names, foreign to the culture, that significantly interfere in their traditional onomastics. Finally, regarding morphosyntactic aspects, a strong impoverishment of the verbal agreement paradigm is in progress, causing a change in the null-subject parameter.

Keywords: Linguistic variation. Linguistic change. Tupian language. Tupian-Kawahib languages. Amondawa language.

1. Introdução

[...] as línguas, quando se transformam com o passar do tempo, não se degeneram, não se tornam imperfeitas, estragadas, mas adquirem novos valores sociolingüísticos, ligados às novas perspectivas da sociedade, que também muda (Cagliari 1992:81).

Todas as línguas do mundo possuem variações internas (inerentes ao seu próprio sistema linguístico) e externas (determinadas por fatores sociais), aliadas também a fatores culturais, econômicos, religiosos, etc. Além disso, em virtude do contato com outros povos e línguas, “nenhuma língua escapa de sofrer influências externas” (Ilari 2003:73), que também contribuem para a ocorrência de variações. As variações linguísticas, por seu turno, favorecem a mudança linguística. Considerando esses pressupostos, neste trabalho, apontamos alguns casos de variação linguística em Amondawa, os quais, em nossa análise, têm contribuído para o processo de mudança linguística.

Os Amondawa vivem na região central de Rondônia, no Posto Indígena Trinchira, na área indígena Uru-eu-wau-wau. Sua língua pertence ao Tronco Tupi, Família Tupi-Guarani (Rodrigues 2013) e está inclusa no sub-ramo VI, *kawahib branch* (Rodrigues e Cabral 2002).

Os primeiros contatos dos Amondawa com o não indígena ocorreram no início de 1986, quando mais de 180 indígenas se aproximaram do acampamento da FUNAI e lá permaneceram em torno de um mês. Em 1987, voltaram ao acampamento apenas 46 indígenas (Leonel Júnior 1995).

Em 1992, os Amondawa eram 42 pessoas. Essa significativa depopulação se deu em virtude do “grande número de mortes causadas por doenças infectocontagiosas adquiridas por ocasião do contato” (Sampaio 2001, 28). Em 1997, registramos 65 pessoas (Sampaio 1998); em 2000, 76 pessoas (Sampaio 2001) e “[...] em 2003, somavam 83 indivíduos. Em 2005 chegaram a 86, vivendo numa única aldeia (Kaninde). Os dados da FUNASA, de 2010, registraram 107 indígenas dessa etnia” (PIB/ISA)⁴. Atualmente, a população é de 159 indígenas, incluindo adultos e crianças.

Todos os membros da comunidade Amondawa falam sua língua materna. Os jovens falam também o português, apresentando um alto grau de bilinguismo, em decorrência do acesso à escolarização, à tecnologia da informação e comunicação (TV, celular, internet), à participação em redes sociais e, no caso dos rapazes, maior frequência nas saídas da aldeia para as cidades do entorno, para comercializar seus produtos ou para outros fins.

Para tratar da temática abordada neste artigo, apoiamo-nos no princípio de que “[...] a variação e a mudança não são “acidentes de percurso”: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas” (Bagno, Stubbs e Gagné 2002, 71-72). Além disso, vale lembrarmos o fato de que “[...] toda língua, qualquer língua, em qualquer momento histórico, em qualquer lugar do mundo, nunca é uma coisa compacta, monolítica, uniforme. A principal característica das línguas humanas é sua *heterogeneidade*” (Bagno 2001, 41). Labov (1972) diz que a heterogeneidade é uma situação normal nas línguas do mundo. Segundo o autor,

[...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado de fatores linguísticos fundamentais. [...] Tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais para tratar com a variação inerente dentro da comunidade de fala (Labov 1972, 238).

Entendendo que as línguas têm como principal característica a heterogeneidade, compreendemos também que, como dizem Callou e Leite (1995),

A língua não é um código simples, único, usado da mesma forma por todas as pessoas, em todas as situações. Embora reconhecendo que o sistema admite uma infinidade de realizações, uma língua não é uma soma de variações, senão uma integração (Callou e Leite 1995, 93).

⁴ <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Amondawa>

Segundo as referidas autoras, “a variação na fala de uma comunidade vem a ser fundamental no mecanismo de mudança linguística. Isto não significa [...] que toda variação implique mudança” (Callou e Leite 1995, 95).

A análise aqui proposta se pauta em dados decorrentes de registros de fala realizados ao longo de vários anos (1992-2005) em trabalho de campo – através de vários instrumentos de elicitación, tais como listas de palavras, jogos, contação de histórias etc. –, no curso de formação de professores indígenas “Projeto Açaí” (2012-2015), em trabalhos de pesquisa em andamento no contexto do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia, e no âmbito do Programa Institucional de Bolsas em Iniciação Científica⁵ (PIBIC/UNIR/CNPq) e, por fim, em conversas através das redes sociais atualmente disponíveis (2019-2020).

Nossa discussão abrange três aspectos que serão tratados a seguir: a variação fonética (Seção 2); a incorporação de palavras da língua portuguesa no léxico (Seção 3); e, por fim, mudanças morfossintáticas no processo de concordância verbal (Seção 4).

2. A variação fonética

A variação fonética acontece em todas as línguas do mundo, visto que um fonema pode variar na sua realização sonora: “aos vários sons que realizam o mesmo fonema damos o nome de variantes ou alofones” (Callou e Leite 1995). Assim como nas outras línguas do mundo, o Amondawa também apresenta variações fonéticas que, aparentemente, ocorrem livremente e não afetam, em princípio, o sistema fonológico da língua, como nos seguintes exemplos:

- | | | | |
|-----|-----------|-----------------------------------|-------------------|
| (1) | /para'na/ | [pɛrã'nã] ~ [pɛrã'na] ~ [pɛrɛ'na] | “rio, rio grande” |
| (2) | /ku'jã/ | [ku'jã] ~ [kuʔ'ã] | “mulher” |
| (3) | /'oro/ | ['ɔro] ~ ['arɛ] | “então” |

⁵ Arikam Amondawa é bolsista CNPq no Programa Institucional de Iniciação Científica da UNIR, no âmbito do Projeto de Pesquisa “Estudos morfológicos e sintáticos de predicados verbais nas línguas indígenas Amondawa e Aikanã” (2018-2021), sob coordenação do Prof. Dr. Quesler Fagundes Camargos.

Pelo que pudemos observar em nossos registros, muitas variações fonéticas como essas, envolvendo alofonias decorrentes de espraçamento de nasalização, realização da nasal palatal vozeada como aproximante, alçamento/abaixamento vocálico, entre outras, parecem ocorrer independentemente do contexto no *continuum* da fala, bem como de fatores não linguísticos, que dizem respeito ao falante, tais como idade, sexo, escolarização, etc. Nesses casos, não podemos predizer quando nem por que o falante escolhe uma ou outra forma de realização, haja vista que registramos casos em que o mesmo falante utiliza duas pronúncias diferentes para a mesma palavra no decorrer do mesmo texto, como, por exemplo, a dupla realização da palavra /'oro/ (então), que se pronuncia [ʔoro] ~ ['arɛ], conforme podemos observar no seguinte trecho⁶:

- (4) *Kurumin ga apo'am awowo ajypia apytawoear. Oro ñapina pywõ mboirahyi, ara ga po'ame awowo. Ara ga po'ame awowo apytawo ka'ia pyri'ama.*

kurumin ga apo'am awowo ajupia apytawaea re
 menino ele estar em pé indo subindo vaca em cima
 “O menino levantou e foi subir na vaca”.

oro ñapina pywõ mboira hyi
 Então cabeça com derrubar sacudir/ balançar
 “Então, com a cabeça dela, (a vaca) derrubou e sacudiu (o menino)”.

ara ga po'ame awowo apytawo ka'ia pyri 'ama
 então ele levantar indo parando macaco perto em pé
 “Então ele levantou e foi parar em pé, perto do macaco”.

Não encontramos justificativa para a pronúncia ['arɛ], pois, em estudos anteriores (Sampaio 1998, 2001), havíamos registrado como alofones de /o/ apenas [o], [ɔ] e [u], sendo a alternância [o]/[u] possível apenas em posição pretônica. Entre os alofones de /a/, registramos alternância entre [a] e [ɔ] apenas em posição pretônica, como em /a're/ (nós - exclusivo), que se realiza como [a're] ou [ɔ're]. Podemos supor que, na realização do fonema /o/, a alternância entre [ɔ] e [a] na sílaba pretônica esteja favorecendo (pelo menos no caso de *oro/ara*) um processo de assimilação total na vogal pós-tônica, favorecida pelo abaixamento vocálico. De toda sorte, a nosso ver, tal fato

⁶ Todos os exemplos estão escritos conforme a grafia que alguns Amondawa utilizam. Ainda não há sistematização ortográfica da escrita, por isso há bastantes divergências entre os próprios professores a esse respeito.

não afeta o sistema fonológico, porém pode resultar em casos de homonímia perfeita no léxico, como é o caso de *ara* (então) e *ara* (dia), cuja distinção semântica pode ser feita no contexto de ocorrência da palavra, no interior da sentença, no interior do texto.

Entretanto, observamos outros tipos de realizações fonéticas, atualmente reforçadas na fala dos mais jovens e das crianças, que poderão vir a alterar o sistema fonológico da língua tradicional. Considerando esse aspecto, neste trabalho discutimos: a substituição do fonema /i/ por /u/; o apagamento do fonema /h/ em contexto intervocálico; a desnasalização (ou oralização?) dos fonemas consonantais nasais /m/ e /n/ em contexto inicial de palavra.

2.1 Substituição do fonema /i/, que se realiza como [i] ou [u] em qualquer contexto

A possibilidade de realização do fonema /i/ como [i] ~ [u], independentemente de estar em posição tônica ou átona e/ou em contexto oral ou oro-nasal, já se manifestara em nossos registros de fala dos mais jovens, datados de 1994, sendo a realização [i] mais presente na fala dos mais velhos:

- (5) /tã'mira/ [tã'mbirɛ] ~ [tã'mburɛ] “Tambura” (nome próprio masculino)
 (6) /iri'βia/ [iri'βuɛ] ~ [uru'buɛ] “urubu”
 (7) /iria/ [i'riɛ] ~ [u'ruɛ] “cesto”

O fonema /u/, ao contrário, não apresentou alternância com /i/. Em dados coletados nos anos de 2005 e 2012, percebemos que a realização de /i/ como [u] vem se fortalecendo na fala dos mais jovens, manifestando-se também na escrita de muitas palavras que antes eram grafadas com a letra **y** (representando o fonema /i/) e agora são grafadas com a letra **u**. Isso é uma evidência de que o fonema /i/, nas futuras gerações, poderá cair em desuso, sendo substituído pelo fonema /u/. Isso pode acarretar uma redução no sistema vocálico oral Amondawa, o qual passaria de seis (/a, e, i, i, o, u/), para cinco fonemas (/a, e, i, o, u/). Devemos salientar que não desenvolvemos esse tipo de análise com relação ao sistema de vogais nasais.

e, em outros, as variantes são condicionadas pelo contexto oral ou nasal. Vamos tratar aqui especificamente dos fonemas /m/ e /n/, cujos alofones [mb] e [nd], respectivamente, estão sendo, aos poucos, substituídos por [b] e [d] em contexto inicial de palavra.

Considerando o fonema /m/, registros mais antigos⁷ demonstram que [mb] era a sua realização mais produtiva em contexto inicial de palavra, seguido de vogal oral. Ao longo dos anos, percebemos que tal realização tem sido menos frequente, sendo preferível, para os falantes mais jovens, a realização oralizada [b], conforme os exemplos abaixo:

- | | | |
|------------------------|--|----------|
| (11) /mo'ɲa/ | [mbɔ'dʒa] ~ [bɔ'dʒa] ~ [mbu'dʒa] ~ [bu'dʒa] ~ [bu'i'a] | “cobra” |
| (12) /mia'ra/ | [mbiɛ'ra] ~ [biɛ'ra] | “carne” |
| (13) /muru'rea/ | [mburu'rɛɐ] ~ [buru'rɛɐ] | “feijão” |
| (14) /mo'hira/ | [mbɔ'hirɐ] ~ [bɔ'hirɐ] | “colar” |
| (15) /motoβaraara'ira/ | [mbɔtɔwarɛɛrɛ'irɐ] ~ [bɔtɔwarɛɛrɛ'irɐ] | “arroz” |
| (16) /maraka'ɲa/ | [mbɛrɛkɛ' dʒa] ~ [mɛrɛkɛ' dʒa] | “gato” |
| (17) /ma'tera/ | [mbɛ'tɛrɐ] ~ [mɛ'tɛrɐ] | “comida” |

Vale notar que, para as palavras *marakajá* e *matera*, ainda não registramos as realizações [bɛ'tɛrɐ] e [bɛrɛkɛ' dʒa]⁸ o que indica ainda (r) existir a alternância entre [m], [mb] e [b] nesse contexto.

Observando a questão da nasalidade em fronteira inicial de palavras em diversas línguas indígenas, Rodrigues (2003, 14) afirma que, em algumas dessas línguas, a nasalidade afeta inteiramente a consoante. Em outras línguas, como a Maxacali, “as consoantes sonoras no início de palavras são afetadas opcionalmente e só parcialmente, isto é, podem realizar-se como simples orais sonoras ou como pré-nasalisadas”. O autor considera, ainda, que, “em situações em que já se dispõe de estudos comparativos e de reconstrução de protolínguas, a nasalização na fronteira inicial de palavras

⁷ Dados de nossos arquivos, constantes de uma antiga *fita cassete* gravada por Ruth Monserrat (1988), transcritos foneticamente por Sampaio e Silva (1992/1993). A fita gravada nos foi cedida por Emília Altini, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), no ano de 1992.

⁸ O fato de não termos registros das realizações *batera* e *barakajá* não significa que elas não estejam acontecendo; significa apenas que não dispomos de dados para confirmar tal ocorrência.

também pode ser observada como resultado de mudança diacrônica” (Rodrigues 2003, 15).

Com relação aos segmentos nasais complexos, como é o caso de [mb], as realizações [mb] e [m] em fronteira inicial de palavra, segundo Rodrigues (2002), são favorecidas pela contiguidade de uma vogal nasal e pela pausa que precede a palavra. No caso da língua Amondawa, de acordo com os dados aqui apresentados, a realização desses alofones parece não estar ligada à contiguidade de uma vogal nasal, visto que tanto [mb] quanto [m] são imediatamente seguidos por uma vogal oral, mas é possível que a pausa (ou silêncio) seja realmente um elemento favorecedor da nasalidade em fronteira inicial de palavra em Amondawa.

Observamos que, no contexto inicial de palavra, esse mesmo processo de oralização está acontecendo também com a consoante nasal /n/ que se têm realizado preferivelmente como [d], em alternância com [nd], por exemplo: /ne/ (tu, você) pode ter as realizações [nde] e [de], sendo esta última mais frequente na fala dos mais jovens.

As realizações plenas [m] e [n] permanecem acontecendo produtivamente nos contextos em que há contiguidade de vogal nasal, como em *mômbeú* (narrar, contar), *mômê* (onde?), *parãñã* ou *parãñá* (rio), *kurumĩ* (menino), *Mãndeí* (nome próprio feminino). Isso nos permite postular que, em Amondawa, as consoantes nasais /m/ e /n/ se realizam como segmentos de contorno⁹ (Wetzels 1995), ou seja, como [mb] e [nd], em posição de *onset* silábico, somente quando **precedem** uma vogal oral¹⁰.

⁹ Segmentos de contorno são aqueles que possuem uma fase oral e uma nasal. “Estes sons são de difícil tratamento teórico nas fonologias lineares já que possuem valores opostos de um mesmo traço: são, ao mesmo tempo, nasais e orais, soantes e obstruintes” (Costa 2007, 89).

¹⁰ Não podemos olvidar que a nasalidade, nas línguas Tupi-Grarani, especialmente envolvendo segmentos como [mb] e [nd], é um fenômeno bastante complexo e tem recebido a atenção de diversos estudiosos, sob diferentes pontos de vista. Podemos citar, como exemplo, o trabalho de Costa (2007), a respeito do Nhandeva, em que a autora distingue “uma nasalidade que é fonética e uma nasalidade que é fonológica. A nasalidade presente nas consoantes pré-nasalizadas /mb, nd/ é fonológica. As consoantes plenamente nasais [m, n] são realizações superficiais das pré-nasalizadas /mb/ e /nd/” (Costa 2007, 74). Em sua análise da língua Sateré-Mawé, Silva (2005) afirma que [mb] e [nd] são segmentos ambíguos, de complexa realização fonética, ocorrendo no *onset* silábico, em posição medial de palavra, antecidos por vogal nasal. Nessa língua, segundo a autora, [mb] e [nd] podem ser alofones tanto de /p/ e /t/ quanto de /m/ e /n/. Costa D. (2012, 56), em seu trabalho sobre o Mbyá Guarani, propõe que as nasais plenas [m] e [n] e as nasais em contorno [mb] e [nd] “constituem manifestações fonéticas vinculadas a oclusivas

Entretanto, no processo de mudança na língua Amondawa, é possível que os alofones [mb] e [nd] sejam suplantados por [b] e [d], nesse contexto, como já vem acontecendo. Caso isso se consolide, poderemos ter, como consequência, uma redução no inventário dos segmentos fonéticos pelos quais os fonemas nasais /m/ e /n/ se superficializam. Se assim for, estamos diante de um processo de fonologização (Kiparsky 2014)¹¹, em que esses alofones se transformarão em fonemas, marcando uma nova oposição distintiva? Não temos resposta para esta questão, pois somente a história evolutiva dessa língua, ao longo do tempo, poderá respondê-la... Este é mais um desafio a ser estudado.

3. Incorporação de palavras no léxico

Outro fator que merece atenção com respeito à variação e à mudança linguística são as interferências externas que as línguas sofrem, em decorrência do contato com outros povos, línguas e culturas. A língua portuguesa e a cultura não indígena, por exemplo, afetam sobremaneira tanto as línguas como as culturas dos povos indígenas brasileiros.

No que diz respeito ao léxico, é comum a ocorrência da incorporação de palavras e construções por meio do que se denomina empréstimo linguístico. Segundo Ilari e Basso (2009), “o empréstimo é um fenômeno antigo e normal em qualquer língua”. No caso do Amondawa, registramos¹² ocorrências de incorporação (ou apropriação linguística) de palavras da língua portuguesa para denominar objetos que antes não faziam parte de sua cultura, tais como:

Português	Amondawa	Registro
(18) Carro	[ˈkahuɐ]	1993
(19) Prato	[ˈpratuɐ]	1993
(20) Copo	[ˈkɔpuɐ]	1993

sonoras”; isso significa que os fonemas de base seriam /b/ e /d/. O autor registra que, “diante de vogal oral, tem-se uma oclusiva pré-nasalizada e que, diante de vogal nasal, observa-se a ocorrência de uma consoante nasal plena” (Costa D. 2012, 56).

¹¹ Os alofones podem se tornar fonemas independentes quando seu ambiente de condicionamento é perdido.

¹² Refere-se ao ano em que fizemos o primeiro registro das ocorrências, mas é possível que os Amondawa já as utilizassem anteriormente no seu léxico.

(21) Bola	[ɐ'boɫɐ]	2005
(22) Cavalo	[kɐ'valuɐ]	2005
(23) Boi	['bo'ɐ]	2005
(24) Muro	[tʃ'ijolu'hue]	2005
(25) Coelho	[ku'eɫue]	2005

É importante observarmos que:

a) o Amondawa possui palavra para denominar *coelho* (*nambiapyia*), porém dois dos jovens falantes entrevistados utilizaram *kueɫue*, forma incorporada da língua portuguesa.

b) Para denominar *cavalo*, um falante utilizou, no mesmo texto, a forma incorporada da língua portuguesa *kavalua* e a palavra Amondawa *apytawoea* (também utilizada para denominar *vaca*).

c) Para denominar *carro*, além da forma incorporada da língua portuguesa, *kahua*, registramos as palavras *dararawaea* e *tayraruhua* (carro grande, caminhão); essas palavras parecem ser criações novas, após o contato com veículos desse tipo.

Considerando a apropriação de palavras da língua portuguesa, observe-se que, em todas as ocorrências aqui exemplificadas, as palavras incorporadas em Amondawa receberam o acréscimo do sufixo {-a}, ou seja, essas novas formas foram introduzidas no léxico e indexadas como nomes mediante a adição de um “morfema aditivo” (Camara Jr. 1979) específico da língua. Nesse sentido, com base nos dados apresentados, podemos afirmar que as palavras foram incorporadas (de forma aparentemente direta), porém passando por um crivo linguístico Amondawa quanto à(s) categoria(s) de nomes.

Há diversos pontos de vista acerca da funcionalidade do sufixo {-a} nas línguas Tupi. Lemos Barbosa (1956, 43), no *Curso de tupi antigo*, diz que “o substantivo tupi [...] termina sempre em vogal tônica ou -a átono”. Na obra *Método moderno de tupi antigo*, Navarro (1998, 63) afirma que “o -A átono final é um sufixo de substantivo. A palavra que o tiver tem, geralmente, valor de substantivo. Perdendo esse -A, volta a ser adjetivo, verbo, pronome adjetivo, etc.”.

Em sua análise sobre o Tupinambá, Rodrigues (1966, 60) advoga que {-a} é um sufixo de caso argumentativo “(antes chamado de caso nominal ou nominativo), que compreende todas as principais funções gramaticais, como as de sujeito de verbos intransitivos e transitivos, de objeto direto, de possuidor e de objeto de posição”.

Na *Gramática do Kamaiurá*, Seki (2000) interpreta o morfema {-a} como um sufixo de caso nuclear; além disso, o {-a} tem também “a função de indexar, isto é, de identificar o radical como nome” (Seki 2000, 107).

Entre diversos trabalhos que se reportam ao {-a} nas línguas Tupi-Guarani, fazemos também referência ao trabalho de Cabral, Silva e Souza (2013), que analisaram a ocorrência de {-a} como um sufixo de caso argumentativo nas línguas Asuriní do Tocantins, Avá-Canoeiro e Zo'e. Nesse estudo, os autores afirmam também que:

É importante ressaltar, no entanto, como observa o Rodrigues (2001, p.114), que o sufixo de caso argumentativo não pode ser descrito como um morfema nominalizador tanto por conta de fazer parte de um paradigma flexional juntamente com quatro outros sufixos casuais, quanto por co-ocorrer com todos os sufixos derivacionais nominalizadores já que o nome produto da nominalização requer um sufixo de caso para que possa funcionar como argumento na oração (Cabral, Silva e Souza 2013, [n/p]).

Silva (2016) analisou a funcionalidade do sufixo {-a} nas línguas Tupinambá, Tapirapé, Guajá e Kamaiurá. Tendo como referência o trabalho de Queixalós (2001) acerca da omnipredicatividade nas línguas Tupi-Guarani, a autora diz que:

[...] o grau de omnipredicatividade em línguas da FLTG é variável e parece ser possível relacionar maior ou menor omnipredicatividade à maior ou menor produtividade do *sufixo -a*, cuja função parece ir além da de atribuir referência a temas predicativos, designando entidades e, por conseguinte, a de ser argumento (Silva 2016, 45).

Magalhães, Praça e Cruz (2019) analisaram a *Gradação da omnipredicatividade na família Tupi-Guarani*, investigando as línguas Tupinambá, Guajá e Apyãka. Com relação ao sufixo {-a}, as autoras consideram:

[...] mais adequada a análise de Queixalós (2001, 2006), que descreve o sufixo «-a» com a função de estabelecer uma expressão que pode substituir referência em raízes que não podem referir por si mesmas, uma vez que são primariamente predicados. Portanto, o sufixo «-a», denominado de ‘referenciante’ pelo autor, constrói designações a

partir de raízes lexicais predicativas, dado que elas não referem a nenhuma entidade por si mesmas. Essa análise vai justamente ao encontro da origem omnipredicativa das línguas TG e encontra respaldo no fato de que as línguas que mais conservam características omnipredicativas são aquelas que têm o sufixo «-a» mais produtivo (Magalhães, Praça e Cruz 2019, 173).

Não é nossa intenção, neste trabalho, discutir a funcionalidade do sufixo{-a}, mas devemos registrar que esse morfema ainda é bastante produtivo em Amondawa e, em vários casos de incorporação de palavras da língua portuguesa, esse sufixo tem demonstrado servir para identificar essas novas palavras como nomes, ainda que sejam incorporadas de forma (quase) direta.

Temos também registros de apropriação de palavras que receberam adaptações fonéticas, especialmente na fala dos mais velhos, como *sicola* (escola), *simalti* (esmalte), *tandára* (sandália), *rápi* (lápis), *terurá* (celular), fato bastante comum em línguas em contato. Vale salientar que a maioria dos jovens, de ambos os sexos, já se apropriou plenamente de palavras advindas do acesso à tecnologia, como *facebook*, *whatsapp*, *webcam*, *celular*, *computador*, *notebook*, entre tantas outras, em virtude de sua ativa interação nas redes sociais.

Além disso, no uso de palavras incorporadas diretamente da língua portuguesa, especialmente por alguns rapazes mais jovens, identificamos a realização retroflexa e também a realização vibrante do /R/¹³ em contexto final de sílaba, em palavras como *porta*, *marca*, *porteira*, *carta*, etc., talvez por influência do contato com o português falado por colonos e moradores de cidades vizinhas, onde muitos são oriundos das regiões sul e sudeste do país.

Entendemos que incorporação direta de palavras em decorrência do contato entre línguas e culturas, em princípio, não afeta os sistemas linguísticos. Porém, ao longo do tempo, é possível que formas tradicionais (e também palavras novas, criadas com recursos próprios da língua materna) caiam em desuso, pelas gerações mais jovens, sendo substituídas por formas da segunda língua. De toda sorte, concordamos com Bechara (2010) no sentido de que as incorporações não deixam de ser uma maneira de ampliação lexical.

¹³ Essas superficializações não fazem parte do inventário fonético Amondawa. Registramos apenas a existência da fricativa /h/, em oposição distintiva ao *flap* alveolar /t/. Até onde sabemos, esses fonemas não se realizam em contexto final de sílaba e não possuem alofones.

3.1 Criação de palavras novas

Além das transformações ocorrentes nas línguas do mundo, seja no aspecto fonético/fonológico, morfológico, sintático ou semântico, devemos ainda registrar a criação de palavras novas para denominar o que antes não era conhecido na cultura. A criação de novas palavras se dá através de recursos próprios da língua, “recorrendo a processos próprios (como a sufixação, a prefixação e a composição) ou atribuindo novos sentidos a palavras previamente existentes” (Ilari 2003, 95).

Lass (1997) afirma que as línguas parecem inovar-se utilizando preferencialmente seu material linguístico próprio, já existente; como segundo recurso, elas “tomam emprestado” de outra(s) língua(s) ou, como terceiro recurso, simplesmente “inventam”. Na visão do autor, as inovações que utilizam material linguístico próprio são triviais e não são problemáticas, visto que decorrem de possibilidades combinatórias que ainda não haviam sido utilizadas. Isso significa que a palavra “inventada” é nova, mas seus componentes não são.

O problema maior na “invenção” de palavras, segundo Lass (1997), consiste em uma morfologia adequada, pois esta pertence ao inventário fechado da língua. Nesse sentido, considerando a história e a mudança, “as línguas não podem inventar livremente as bases substanciais para a morfologia ou léxico central ‘agora’, mas já o fizeram ‘antes’” (Lass 1997, 307). Isso significa que toda mudança exige tempo, não acontece “da noite para o dia”: a mudança vai acontecendo ao longo da história de cada língua, de cada povo, pois “a história é um processo não estacionário, é mudança que não se repete” (Boyd e Richerson 1992 *apud* Lass 1997).

Vejamos alguns exemplos de criação de palavras novas em Amondawa:

(26) Avião *Bure-’u- a*
 garrafa-muito grande-ARG.

A palavra *burea* (garrafa) foi associada à taboquinha que era assoprada pelos Amondawa (também na festa da menina-moça) e que, por fazer muito barulho, era chamada *bure’ua*. Então, podemos supor que esta palavra foi atribuída para “avião” por associação do formato do avião com o da garrafa e o barulho produzido ao soprar a taboquinha. Então, literalmente, “avião” é identificado como “garrafa muito grande, que faz muito barulho”.

- (27) Celular *Aenhiymondotawa*
ae-nhiy-mondo-taw-a
pos.hum.-conversar-mandar-instr.-ARG.
Objeto que serve para enviar a conversa das pessoas. O termo pode ser utilizado para “rádio” e também para se referir a uma taboquinha que os indígenas utilizam para se comunicar à distância, quando estão na mata.
- (28) Ventilador *Aepejutawa*
ae-peju-taw-a
pos.hum.-soprar-instr.-ARG.
Objeto que serve para soprar nas pessoas. É possível que essa denominação seja decorrente de *tatapejutawa* (abanador; objeto que serve pra abanar o fogo).
- (29) Fogão *Tata*
Fogo
A denominação para fogão é associada ao fogo.
- (30) Bicicleta *Kwawiratytaria*
Kwavir-a-tytari-a
cinta-ARG.-rolar-ARG.
Essa denominação se deve ao fato de que a roda da bicicleta se assemelha à cinta usada antigamente pelos Amondawa.
- (31) Dinheiro *Ka'apyra*
Ka'apyr-a
Folha, mato (genérico)-ARG.
A denominação para dinheiro é associada ao formato das folhas.
- (32) Relógio *Kuararepiakawa*
Kuara-r-epiak-kaw-a
Sol- rel.-ver-instr.-ARG.
Objeto que serve para ver o sol (tempo)
(O sol é uma referência do passar do tempo, das partes do dia, na cultura Amondawa).
- (33) Sapato *Aepyarewaea*
Ae-py-a-re-wae-a
Pos.hum.-pé-rel.-ARG.-instr.-ARG.
Objeto que serve para os pés das pessoas.

Nos exemplos dispostos, a formação de novas palavras se dá com a utilização de diferentes processos disponíveis na gramática própria do Amondawa, tais como:

- acréscimo do prefixo marcador de posse humana {*ae-*};
- acréscimo de sufixos (aumentativo{-*u*}, instrumentais {-*taw-*}, {-*kaw-*}, {-*wae-*} e argumentativo {-*a*}).

Os prefixos e sufixos podem ser utilizados tanto em palavras simples como em palavras compostas.

- Composição: nesse processo são criadas novas palavras utilizando-se as estruturas: verbo + verbo; nome + verbo; nome + nome, entre outras possibilidades.

De toda sorte, as palavras novas são criadas segundo as possibilidades gramaticais oferecidas pela língua, denominando novos objetos incorporados à cultura, associando suas propriedades e particularidades às de elementos já existentes na cultura e na língua.

3.2 Incorporação de nomes próprios

Camara Jr. (1979, 16) afirma que a língua é, antes de tudo,

[...] uma representação do universo cultural em que o homem se acha [...]. Mas a representação do universo cultural, na língua, se faz por meio de uma configuração formal [...]. É a configuração formal da língua que integra os elementos culturais em grupos associativos e multiplica a aplicação de cada elemento.

Considerando-se o universo cultural Amondawa, uma de suas marcas linguístico-culturais mais profundas, talvez a mais profunda e importante, é a sua onomástica, na qual está representada a estrutura da organização social desse povo.

Vale esclarecer que os Amondawa se organizam socialmente em duas metades exogâmicas (Mutum e Arara). Há um conjunto de nomes próprios masculinos e femininos específicos para os membros de cada metade, ou seja, há nomes próprios Mutum e nomes próprios Arara. As pessoas pertencentes a cada uma dessas metades recebem nomes próprios que refletem o papel ou momento social em que se encontra. Geralmente os nomes das pessoas de

uma família nuclear mudam quando nasce um novo membro na família e/ou quando a pessoa é submetida a algum rito de passagem.

Há mais de uma década, entretanto, temos registrado a incorporação de nomes próprios como *Davi*, *David*, *Ritinha*, *Jackeline*, *Késia*, *Kelly*, *André*, *Lucas*, *Leandro*, *Jakson*, entre outros, o que revela interferências linguístico-culturais que poderão afetar a estrutura da organização social tradicional do povo Amondawa.

Analisando a adoção de nomes próprios pelos Zo'e via empréstimos linguísticos, seja como nome principal ou como apelido, Cabral *et al.* (2016, 89) alertam que tal fato “[...] sinaliza que o contato começa a interferir em uma esfera de fundamental importância na organização social dos Zo'e, a nomeação dos indivíduos, uma das formas de distingui-los consanguineamente e socialmente”. Esse mesmo processo acontece com os Amondawa e com outros povos indígenas brasileiros.

No caso dos Amondawa, a adoção de nomes próprios alheios a sua cultura e organização social tem acontecido por diversas causas: por sugestão de não indígenas, por influência da TV e outras mídias, pela realização de casamentos endogâmicos (com pessoas pertencentes à mesma metade), com pessoas de outras etnias e não indígenas, entre outras. É possível que, futuramente, a onomástica tradicional se torne tão opaca que não mais possibilite a identificação dos indivíduos como pertencentes às metades Mutum e Arara, tendo-se como referência apenas o seu nome próprio.

4. As mudanças morfossintáticas

Nesta seção, mostramos que a língua Amondawa tem apresentado variação no processo de concordância verbal, o que sustenta uma análise, por um lado, de enfraquecimento de seu paradigma de concordância e, por outro, de preenchimento da posição sintática de sujeito, principalmente por meio de pronomes de natureza clítica. Nesse sentido, a língua Amondawa se aproxima de outras línguas do grupo Tupi-Kawahib, como é o caso do Uru Eu Wau Wau (Vezzaro 2015; Martins e Vezzaro 2017) e do Apiaka (Sousa 2017).

Assim como ocorre com as demais línguas Tupi-Guarani, o Amondawa apresenta ao menos duas séries de marcadores pronominais para correferenciar seu sujeito e seu objeto. O Quadro 1 apresenta os prefixos de concordância (Série 1), que correferenciam o sujeito de verbos transitivos e

intransitivos ativos, e os proclíticos pronominais (Série 2), que referenciam o objeto de verbos transitivos:

Quadro 1 – Marcadores pessoais em Amondawa

	Pronomes livres	Série 1 (prefixos de concordância)	Série 2 (proclítico pronominal)
1SG	<i>diehe</i>	<i>a- ~ o-</i>	<i>di=</i>
2SG	<i>dehe</i>	<i>ere- ~ e-</i> <i>a- ~ o-</i>	<i>de=</i>
3SG.M	<i>gaha</i>	<i>a- ~ o-</i>	<i>ga=</i>
3SG.F	<i>eãha</i>	<i>a- ~ o-</i>	<i>hãa=</i>
1INCL	<i>ñande</i>	<i>a- ~ o-</i>	<i>(ñande)</i>
1EXCL	<i>are</i>	<i>a- ~ o-</i>	<i>(are)</i>
2PL	<i>pehe</i>	<i>pe-</i> <i>a- ~ o-</i>	<i>pe=</i>
3PL	<i>gãha</i>	<i>a- ~ o-</i>	<i>gãa=</i>

Fonte: Elaboração dos autores.

A realização das duas séries pronominais demonstradas no Quadro 1 depende essencialmente de uma hierarquia de pessoa que rege o acionamento de um desses dois paradigmas. Em Amondawa, essa hierarquia pode ser definida da seguinte maneira: 1^a > 2^a > 3^a focal > 3^a não focal, em que a 1^a pessoa é mais alta do que a 2^a pessoa e esta última é mais alta do que a 3^a pessoa. Desse modo, em um predicado transitivo, o verbo concordará com o argumento que seja mais alto nessa hierarquia.

Para fins de exemplificação, comparemos os exemplos a seguir, em que são contrastados os marcadores pronominais em posição sintática de sujeito e de objeto:

- (34) a. *a-pyhyg diehe kurumin=ga*
1SG-segurar 1SG menino=**3SG.M**
 “Eu segurei o menino”
- b. *di=Ø-pyhyg kurumin=ga*
1SG=C-segurar menino=**3SG.M**
 “O menino me segurou”

- (35) a. *ere-pyhyg dehe kurumin=ga*
 2SG-segurar 2SG menino=3SG.M
 “Você segurou o menino”
- b. *de=Ø-pyhyg kurumin=ga*
 2SG=C-segurar menino=3SG.M
 “O menino te segurou”

A partir dos exemplos acima, podemos notar que, quando o sujeito for mais alto na hierarquia de pessoa, como em (34a) e (35a), o verbo acionará os prefixos da série 1. Por outro lado, quando o objeto é mais alto do que o sujeito, como em (34b) e (35b), o verbo acionará os proclíticos pronominais da série 2, que se unirão à raiz verbal por meio dos prefixos relacionais de contiguidade {*r-* ~ *Ø-*}. Podemos afirmar, ainda, que esses exemplos demonstram que, de fato, a 1ª pessoa é mais alta do que a 3ª pessoa em (34) e a 2ª pessoa é mais alta do que a 3ª pessoa em (35).

A fim de corroborar nossa interpretação dessa hierarquia de pessoa, apresentamos, agora, um contraste entre argumentos de 1ª e 2ª pessoa:

- (36) a. *a-pyhyg diehe dehe*
 1SG-segurar 1SG 2SG
 “Eu segurei você”
- b. *di=Ø-pyhyg dehe*
 1SG=C-segurar 2SG
 “Você me segurou”

Nos exemplos¹⁴ em (36), em um contexto em que temos argumentos de 1ª e 2ª pessoa, o verbo aciona os marcadores pronominais mais altos

¹⁴ Em outras línguas Tupí-Guaraní, há uma série de prefixos *portmanteau* que correferenciam sujeitos de 1ª pessoa e objetos de 2ª pessoa. Na língua Amondawa, no entanto, não identificamos esses mesmos marcadores em nosso banco de dados e tampouco surgiram durante os trabalhos de elicitación. Para fins ilustrativos, apresentamos abaixo o paradigma de concordância *portmanteau* na língua Tenetehára (cf. Camargos 2017, 257):

- (i) *uru-exak ka'a r-upi ihe*
 1SG.2SG-ver mata OBL-em 1SG
 “Eu vi você na mata”
- (ii) *apu-exak ka'a r-upi ihe*
 1SG.2PL-ver mata OBL-em 1SG
 “Eu vi vocês na mata”
- (iii) *urupu-exak ka'a r-upi ure*
 1EXCL.2PL-ver mata OBL-em 1EXCL
 “Nós vimos vocês na mata”

na hierarquia de pessoa. Dessa forma, realizam-se, por um lado, o prefixo de concordância de sujeito em (36a) e, por outro, o proclítico pronominal de objeto em (36b). O que nos é interessante observar, no entanto, é o fato de que a série 1 de prefixos de concordância verbal do Amondawa apresenta um forte processo de enfraquecimento, de tal modo que o sistema de concordância dessa série tem perdido sua distinção em termos de pessoa e número. Percebemos que o prefixo {*a-* ~ *o-*} tem sido acionado sistematicamente para todas as pessoas do paradigma de concordância da série 1. Tal situação, por si só, já insere a língua Amondawa em uma situação bem distinta das demais línguas Tupi-Guarani.

Para fins ilustrativos, apresentamos, comparativamente esse mesmo paradigma verbal (Série 1) em outras línguas da mesma família linguística, conforme Quadro 2:

Quadro 2 – Prefixos de concordância verbal nas línguas Tupi-Guarani¹⁵

	Amondawa RAMO VI	Apiaka RAMO VI	Kaiowá RAMO I	Tenetehára RAMO IV	Ka'apor RAMO VIII
1SG	<i>a-</i> ~ <i>o-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>
1INCL	<i>a-</i> ~ <i>o-</i>	<i>sa-</i>	<i>ja-</i> ~ <i>ña-</i>	<i>xi-</i>	<i>ja-</i>
1EXCL	<i>a-</i> ~ <i>o-</i>	<i>ara-</i>	<i>oro-</i>	<i>uru-</i> ~ <i>oro-</i>	
2SG	<i>ere-</i> ~ <i>e-</i> ~ <i>a-</i> ~ <i>o-</i>	<i>ere-</i>	<i>ere-</i> ~ <i>re-</i>	<i>(e)re-</i>	<i>ere-</i> ~ <i>re-</i> ~ <i>e-</i>
2PL	<i>pe-</i> ~ <i>a-</i> ~ <i>o-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>
3	<i>a-</i> ~ <i>o-</i>	<i>o-</i> , <i>a-</i>	<i>o-</i> ~ <i>ogw-</i> ~ <i>ho-</i>	<i>u-</i> ~ <i>o-</i> ~ <i>w-</i>	<i>o-</i> ~ <i>u-</i>

Fonte: Elaboração dos autores.

Podemos notar que as línguas Tupi-Guarani apresentadas no Quadro 2 exibem um rico sistema de concordância verbal, que varia em termos de pessoa (1^a, 2^a e 3^a) e número (singular e plural), exceto a língua Amondawa. Destacamos que esse mesmo processo de enfraquecimento presente em Amondawa já havia sido descrito por Vezaro (2015) e Martins e Vezaro (2017) para a língua Uru Eu Wau Wau. De acordo com Vezaro (2015, 75),

¹⁵ Os paradigmas de concordância verbal que constituem o Quadro 2 foram extraídos dos trabalhos de Souza (2017) para o Apiaka, Carvalho (2018) para o Kaiowá, Duarte (2007, 2017) e Camargos (2017) para o Tenetehára e, por fim, Lopes (2009) para o Ka'apor.

“a situação que se configura, quando da codificação de A e Sa, aponta para uma possível neutralização do paradigma de marcação de pessoa e número dos prefixos de 1ª e 3ª pessoas do singular e plural (Classe I/ativos) no [Uru Eu Wau Wau]”. Em Amondawa, no entanto, este processo parece estar avançando sobre os prefixos de 2ª pessoa, uma vez que, nas construções que envolvem um sujeito de 2ª pessoa, há uma variação na marcação dos prefixos de concordância, conforme os exemplos abaixo:

(37) a. *e(re)-ñan=de* *kaura* *pe*
 2SG-correr=2SG mata em
 “Você correu na mata”

b. *a-ñan=de* *kaura* *pe*
 2SG-correr=2SG mata em
 “Você correu na mata”

c. *o-ñan=de* *kaura* *pe*
 2SG-correr=2SG mata em
 “Você correu na mata”

(38) a. *pe-ñan=pe* *kaura* *pe*
 2PL-correr=2PL mata em
 “Vocês correram na mata”

b. *a-ñan=pe* *kaura* *pe*
 2PL-correr=2PL mata em
 “Vocês correram na mata”

c. *o-ñan=pe* *kaura* *pe*
 2PL-correr=2PL mata em
 “Vocês correram na mata”

O prefixo de concordância em (37a) e (38a), considerando as demais línguas da família Tupi-Guarani em termos comparativos, parece ser a forma mais conservadora do paradigma de concordância em Amondawa, uma vez que guarda maior relação com um estágio anterior da língua. É importante ressaltar, a esse respeito, que a forma prefixal de 2ª pessoa está bem presente na fala de indivíduos mais velhos.

As demais formas, em (37bc) e (38bc), que correspondem a uma inovação no paradigma de concordância, por sua vez, são mais presentes na fala de indivíduos mais jovens. Alguns preferem esta forma, em detrimento do

prefixo de concordância mais conservador. Em trabalhos futuros, deverão ser feitos mais estudos sociolinguísticos a fim de sustentar essa análise.

Inegavelmente, esta mudança no paradigma de concordância verbal em Amondawa tem gerado interferências em outros componentes da gramática. Um deles diz respeito ao preenchimento da posição sintática de sujeito. De modo geral, devido ao seu rico sistema de concordância verbal, as línguas Tupi-Guarani apresentam construções com posição sintática de sujeito não preenchida, o que é de se esperar de línguas com essa característica. No entanto, devido ao enfraquecimento desses marcadores, o Amondawa, tem mudado o acionamento do seu parâmetro do sujeito nulo para língua com preenchimento obrigatório de sujeito, uma vez que os prefixos de concordância não têm sido um expediente morfossintático capaz de recuperar seus referentes ao longo do discurso.

Nos exemplos a seguir, os quais foram extraídos de narrativas tradicionais gravadas e transcritas, ilustramos os contextos em que as posições sintáticas de sujeito têm sido sistematicamente preenchidas por sintagmas nominais (39), pronomes livres (40) e clíticos pronominais (41):

- (39) a. *awaipawa ki a-ñaro a-dia-wehe emo*
awaipawa PAS 3-bravo 3CORR-REC-COM PAS.DIST
 “Os awaipawa¹⁶ estavam bravos uns com os outros”
- b. *oro ki awaipawa a-ñaro-i kuña re*
então PAS awaipawa 3-bravo-IND.II mulher com
 “Estavam bravos com a mulher também”
- (40) a. *oro ki awaipawa matera wyi-bu'u-wa'e-a*
então PAS awaipawa caça flechar-INTS-NML-ARG
d-a-wyr-i upa
NEG-3-levantar-NEG AUX
 “Então, o awaipawa, que flecha muita caça, não se levantou, ficando deitado”
- b. *diehe puti a-muban=ã nahe e'i ki emo*
1SG FUT 1-matar=3PL FUT dizer PAS PAS.DIST
 “Eu que vou matar todos eles, ele disse”

¹⁶ *Awaipawa* refere-se aos antigos Amondawa, que viveram no passado muito distante e nos tempos das histórias tradicionais do povo.

- (41) a. *oro ki a-modo po ãa=r-epiaka kati*
 então PAS 1-seguir HORT 3SG.F=C-ver depois
e'i ki awaipawa emo
 dizer PAS awaipawa PAS.DIST
 “Vamos segui-la para ver depois o que ela está fazendo,
 os awaipawa disseram”
- b. *oro ki ãa d-a-ho-diaw-i na'en*
 então PAS 3SG.F NEG-3-ir-novamente-NEG primeiro
a-kowo emo
 3-AUX PAS.DIST
 “Então ela parou de ir primeiro”

Conforme os exemplos acima, percebemos que, de fato, a língua Amondawa dispõe de sintagmas nominais, pronomes livres e clíticos pronominais aptos a ocupar a posição sintática de sujeito. Além disso, deve-se destacar que o apagamento da posição sintática de sujeito em (39b), (40b) e (41b), por exemplo, resulta necessariamente em sentenças mal formadas, o que fortalece o argumento de preenchimento obrigatório da posição sintática de sujeito ao menos nesses contextos. Pode-se afirmar, ainda, que, nos exemplos em (40) e (41), a realização desses elementos pronominais em posição argumental é essencial para se identificar o sujeito de cada predicado verbal, uma vez que, devido ao enfraquecimento do sistema de concordância, os prefixos são insuficientes para isso. Vale salientar que os verbos destacados nos exemplos acima acionam o prefixo {*a-*} para correferenciar seu sujeito de 1ª pessoa em (40) e de 3ª pessoa em (41).

Um argumento adicional a favor de nossa análise fundamenta-se nos exemplos elicitados abaixo, em que o não preenchimento da posição sintática de sujeito em sentenças declarativas resulta em construções agramaticais:

- (42) a. *o-ñan tapi'ira ko pe*
 3-correr anta roça em
 “A anta correu na roça”
- b. *o-ñan gaha ko pe*
 3-correr 3SG.M roça em
 “Ele correu na roça”
- c. *o-ñan=ga ko pe*
 3-correr=3SG.M roça em
 “Ele correu na roça”

- d. **o-ñan ko pe*
 3-correr roça em
 “Ele correu na roça”
- (43) a. *ere-ñan dehe ko pe*
 2SG-correr 2SG roça em
 “Você correu na roça”
- b. *ere-ñan=de ko pe*
 2SG-correr=2SG roça em
 “Você correu na roça”
- c. **ere-ñan ko pe*
 2SG-correr roça em
 “Você correu na roça”

Por fim, diante da análise realizada, podemos considerar que a língua Amondawa exibe uma mudança linguística significativa em seu sistema de concordância verbal, à semelhança do que ocorre em Uru Eu Wau Wau (cf. Vezzano 2015; Martins e Vezzano 2017) e Apiaka (cf. Sousa 2017). Diferentemente dessas duas línguas, no entanto, o enfraquecimento do paradigma de concordância em Amondawa tem atingido todos os prefixos de concordância verbal da classe 1. No que diz respeito aos prefixos de 2ª pessoa, esse processo de enfraquecimento parece estar em progresso, de tal maneira que subsistem na gramática do Amondawa os prefixos conservadores, {*ere-*} e {*pe-*}, e os prefixos inovadores, {*a- ~ o-*}. Devido a esse processo de mudança no paradigma, outros componentes da gramática também têm sido afetados, como é o caso do parâmetro do sujeito nulo.

Considerações finais

Neste trabalho, tratamos de alguns casos de variação linguística que apontam para uma possível mudança na língua Amondawa, considerando:

- a substituição do fonema /i/ por /u/, que aponta para uma redução no inventário das vogais orais;
- o apagamento do fonema /h/ em contexto intervocálico, alterando o padrão silábico;
- a desnasalização (ou oralização?) dos fonemas consonantais nasais /m/ e /n/ em contexto inicial de palavra, em ambiente oral, apontando

para uma redução nos alofones das nasais /m/ e /n/ ou até mesmo para um possível processo de fonologização de seus alofones /b/ e /d/.

- casos de incorporação de palavras da língua portuguesa, abordando a indexação de palavras incorporadas como nomes por acréscimo do sufixo {-a}, a criação de palavras novas e a adoção de nomes próprios alheios à cultura Amondawa.
- mudanças e variações linguísticas presentes na morfossintaxe da língua Amondawa.

Nos casos pertinentes à variação fonética, observamos ocorrências de realizações que, a nosso ver, estão proporcionando mudanças que poderão alterar o sistema fonológico da língua para as gerações futuras. Um fator agravante é que a documentação e os registros escritos do Amondawa tradicional são precários e praticamente inexistentes.

A escrita da língua, por seu turno, ainda não foi sistematizada na escola e o alfabeto experimental foi bastante modificado, na medida em que os indígenas foram sendo alfabetizados e os professores indígenas em formação tiveram contato com outros alfabetos de outras línguas indígenas. A falta de acompanhamento pedagógico e linguístico a esses professores contribuiu para a não uniformidade da escrita, ou seja, ao não estabelecimento de uma ortografia. Cada professor ou professora escreve do jeito que acha mais adequado, de acordo com a sua própria fala. Então, o que se tem é a coexistência de várias escritas fonéticas e não uma escrita ortográfica.

É verdade que, como dizem Callou e Leite (1990, 45), “as mudanças fonéticas e fonológicas estão sempre em curso e um sistema ortográfico não poderá nunca acompanhá-las”. Porém, entendemos que, se não temos registros, torna-se bastante difícil analisar a evolução histórica de uma língua, principalmente de uma língua indígena com apenas 34 anos de contato e que já se encontra fortemente ameaçada, como muitas línguas indígenas brasileiras.

Com relação à incorporação/apropriação de palavras da língua portuguesa no léxico Amondawa, oriunda do denominado empréstimo linguístico, consideramos que, em princípio, tal incorporação é salutar para a expansão lexical em qualquer língua do mundo. Vimos que a incorporação (quase) direta de palavras da língua portuguesa, em muitos casos, passa pelo crivo linguístico Amondawa, especialmente quando se trata de nomes de objetos/

coisas externas a sua cultura, os quais, em maioria, ainda são incorporados e indexados como nomes, mediante acréscimo do sufixo {-a}. Identificamos também a criação de palavras novas, utilizando-se de recursos já existentes na língua, para denominar esse tipo de objetos/coisas.

Entretanto, no que se refere à adoção de nomes próprios, julgamos ser esta uma interferência que atinge profundamente a cultura Amondawa, cuja onomástica tradicional reflete/refletia sua organização social em metades exogâmicas, fator determinante das relações de parentesco, das regras de casamentos, da identificação de cada indivíduo, de sua pertença à metade Mutum ou Arara, bem como do papel social que uma pessoa desempenha ao longo de seus estágios de vida. Caso a adoção de nomes alheios a sua cultura se fortaleça nas gerações mais jovens, tudo isso cairá no esquecimento.

Na última seção deste artigo, exploramos também as mudanças e as variações linguísticas presentes na morfossintaxe da língua Amondawa, que apresenta um avançado processo de enfraquecimento do paradigma de concordância verbal (série 1) e, conseqüentemente, uma mudança no parâmetro para língua com preenchimento obrigatório da posição sintática de sujeito. Por ser uma mudança linguística em progresso, há, para a 2ª pessoa, uma variação linguística na escolha entre as formas pronominais conservadoras e inovadoras, que podem, a princípio, ser explicadas em termos de variação linguística geracional.

Esperamos que este trabalho, ainda que bastante inicial no que se refere à variação e mudança linguística, possa contribuir para outras novas e futuras análises nesse campo, no que toca às línguas Tupi, em especial àquelas que fazem parte de grupo Tupi-Kawahib.

Abreviaturas

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ARG	caso argumentativo
AUX	auxiliar
C	prefixo relacional de contigüidade
CORR	correferencial
EXCL	exclusivo
F	feminino

FUT	futuro
HORT	hortativo
INCL	inclusivo
IND.II	indicativo II
INTS	intensificador
INST	instrumental
M	masculino
NC	prefixo relacional de não contiguidade
NEG	negação
NML	nominalizador
OBL	oblíquo
PAS	passado
PAS.DIST	passado distante
PL	plural
POSS. HUM	posse humana
REC	recíproco
REL	prefixo relacional
SG	singular

Referências

- Bagno, Marcos. 2001. *Português ou brasileiro?* Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola.
- Bagno, Marcos; Stubbs, Michael e Gagné, Gilles. 2002. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola.
- Barbosa, Pe. Antônio Lemos. 1956. *Curso de tupi antigo: gramática, exercícios, textos*. Rio de Janeiro: Livraria São José. http://biblio.etnolinguistica.org/barbosa_1956_curso.
- Bechara, Evanildo. 2010. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cabral, Ana Suelly Arruda Camara; Pena, Sandra Ferreira; Pinto, Suelly de Brito, Ariel Pheula do Couto e Sousa, Suseile Andrade. 2013. Expressão do caso argumentativo em três línguas tupi-guaraní: asuriní do Tocantins, avá-canoeiro e zo'e. *Anais do SILEL*, Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU.
- Cabral, Ana Suelly Arruda Camara; Silva, Ariel Pheula do Couto. Notas sobre empréstimos em zo'e. 2016. In Cabral, Ana Suelly Arruda Camara; Isidoro,

- Edinéia Aparecida e Lopes, Jorge Domingos (Orgs.). *Línguas e culturas Tupi*. Volume 4. Brasília:lali/UNb. pp. 81-89.
- Cagliari, Luiz Carlos. 1992. *Alfabetização & lingüística*. 5ª. ed. São Paulo: Scipione.
- Callou, Dinah e Leite, Yonne. 1990. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 4ª ed., 1995. São Paulo: Zahar.
- Camara Jr. Joaquim Mattoso. 1979. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A.
- Camargos, Quesler Fagundes. 2017. Exploring agreement displacement from the internal to the external argument in the Tenetehára language (Tupí-Guaraní Family). *Revista Diadorim*, n. 19, Volume Especial, pp. 325-342.
- Carvalho, Rosileide Barbosa de. 2018. *Análise morfológica da língua kaiowá: fundamentos para uma gramática e dicionário bilíngue*. Mestrado em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
- Costa, Consuelo de Paiva Godinho. 2007. *Apyngwa rupigwa: nasalização em Nhandewa-Guarani*. Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas.
- Costa, David de Jesus. 2012. *Fonologia da frase e fonologia segmental do Mbyá Guarani: uma proposta de análise não-linear*. Mestrado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Duarte, Fábio Bonfim. 2017. The Split-S System and the Source of The Absolute Case in Tenetehára. *Revista Linguística*, v. 13, pp. 317-367.
- Duarte, Fábio Bonfim. 2007. *Estudos de Morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Editora Fale/UFMG.
- Ilari, Rodolfo. 2003. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto.
- Ilari, Rodolfo e Basso, Renato. 2009. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto.
- Leonel Júnior, Mauro de Melo. 1995. *Etnodicéia uruêu-au-au: o endocolonialismo e os índios no centro de Rondônia*. São Paulo: EdUSP.
- Lass, Roger. 1997. *Historical linguistics and language change*. United Kindom: Cambridge University Press. (Cambridge studies in linguistics 81).

- Kiparsky, Paul. Phonologization. In Honeybone, Patrick and Salmons, Joseph (Eds.). *The Oxford handbook of historical phonology*. Online publication, Dec. 2014. <https://www.oxfordhandbooks.com>.
- Labov, William. 1972. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso (2008). São Paulo: Parábola.
- Lopes, Mário Alexandre Garcia. 2009. *Aspectos gramaticais da língua ka'apor*. Doutorado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Magalhães, Marina; Praça, Walkíria e Cruz, Aline da. 2019. Gradação da omnipredicatividade na família tupi-guarani. *Forma y Función*, 32(2), 151-189. doi: <http://dx.doi.org/10.15446/fyf.v32n2.80818>
- Martins, Marci Fileti e Vezaro, Antonia de Fátima Galdino da Silva. Marcadores de pessoa e caso no uru eu wau wau. 2017. In.: Martins, Marci Fileti. *As línguas Tupi faladas dentro e fora da Amazônia*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2017. pp. 163-195.
- Navarro, Eduardo de Almeida. 1998. *Método moderno de tupi antigo*. A língua do Brasil nos primeiros séculos. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1996. Argumento e predicado em tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 19, pp. 57-66, Maceió.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna e Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara. 2002. Revendo a classificação da família tupi-guaraní. In Cabral, Ana Suelly & Rodrigues, Aryon (Orgs.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: Ed. UFPA.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2002. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. In Bisol, Leda e Tasca, Maria (Orgs.). Estudos e debates de assuntos de literatura, linguística e língua portuguesa. Anais do II seminário internacional de fonologia. I a 10 de abril de 2002. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PUCRS. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, dezembro 2003, pp. 11-24. (Conferência).
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2013. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB. <http://www.laliunb.com.br/>.
- Sampaio, Wany Bernardete de Araujo. 1998. *Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-eu-uau-uau (Amondawa)*: contribuições para uma revisão na classificação das línguas tupi-kawahib.

- Mestrado em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP.
- Sampaio, Wany Bernardete de Araujo. 2001. *As línguas tupi-kawahib: um estudo sistemático filogenético*. Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Rondônia.
- Seki, Luci. 2000. *Gramática do kamaiurá: língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial.
- Silva, Karine Dourado. 2016. *A funcionalidade do sufixo -a em línguas tupi-guaraní*. Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília.
- Silva, Raynice Geraldine Pereira da. 2005. *Estudo fonológico da língua Šatere-Mawé*. Mestrado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas.
- Vezzaro, Antonia de Fátima Galdino da Silva. 2015. *Aspectos da morfossintaxe do uru eu wau wau: contribuição à documentação linguística dos povos indígenas do Vale do Jamari - Rondônia*. Doutorado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Rondônia.
- Wetzels, Willem Leo. 1995. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ.